

**Deus e a teoria do conhecimento humano:
algumas reflexões**

*God and the theory of human:
some reflections*

Miriam Barreto de Almeida Passos

Doutoranda em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio do Sinos (UNISINOS)

mirapassos@hotmail.com

<http://lattes.cnpq.br/2968260472312165>

Resumo

O presente artigo tem como finalidade apresentar reflexões sobre “Deus e a teoria do conhecimento humano”. O texto parte da pesquisa sobre o tema em questão, interpretados a partir de ponderações filosóficas, amparado no livro: “*Introdução a Teoria do Conhecimento*” de Dan O’Brien, bem como em outros autores que tratam do assunto. A tessitura se releva pela importância que provoca no pensamento humano, despontado, em torno das discussões, da diversidade cultural, histórica, e social, considerando e respeitando os variados pontos de vistas, no jogo das crenças, da justificação, que se fazem sobre Deus, a produção do conhecimento, a partir das abordagens histórica e (meta)física.

Palavras-chave: Deus. Filosofia. Teoria do Conhecimento. Humano. Reflexões.

Abstract

This article aims to present reflections on “God and the theory of human knowledge”. The text starts from the research on the subject in question, interpreted from philosophical considerations, supported by the book: “*Introduction to the Theory of Knowledge*” by Dan O’Brien; as well as in other authors that deal with the subject. The tessitura is highlighted by the importance it causes in human thought, detached, around the discussions, of cultural diversity; historic, and social, considering and respecting the various points of view, in the game of beliefs, of justification, which are made about God, the production of knowledge, from historical and (meta)physical approaches.

Keywords: God. Philosophy. Theory of Knowledge. Human. Reflections.



Exórdio: ideias primeiras

A filosofia não deve ser vista como uma disciplina árida e acadêmica, divorciada da vida quotidiana. Tempos houve ao longo da sua história em que tal aconteceu: ocorre-nos de imediato o estereótipo dos filósofos medievais esgrimindo argumentos enigmáticos para determinar quantos anjos caberiam numa cabeça de alfinete. Ainda hoje, se atentarmos em certas revistas filosóficas, podemos observar que muitos artigos de investigação são igualmente idiossincráticos e inacessíveis.

Dan O'Brien (2013, p. 9).

Ao pensar a Filosofia como a genitora epistemológica, “a ciência das ciências”, e/ou a “mãe de todas as ciências”, que a mesma “não deve ser vista como uma disciplina árida”, nem “idiossincrática e inacessíveis”, defendo a ideia de filosofar em torno de Deus, amparada na discussão trazida através da teoria do conhecimento humano, evidenciando, segundo Brien (2013, p.9) que: “os problemas filosóficos”, pensados pelo homem, estão na base dos aspectos cotidianos, ou seja, fazem “parte do nosso dia-a-dia”. E, como estamos em um Universo recheado por ideias de todas as ordens, em torno das crenças, das justificações, das afirmações, das certezas, das “verdades”, surge a questão: “[...] o Universo é infinito e ilimitado ou finito e limitado?” (BETTO, 2012, p. 29), nesse movimento de investigações, discussões, premissas, acrescenta o referido autor:

[...] Aristóteles admitia que o espaço total do Universo era finito e que, além da esfera das estrelas, não havia espaço. Kant defendia que não há uma resposta racional à questão se o espaço é finito ou infinito, já que a totalidade do Universo não pode ser objeto de nossa experiência (*idem*).

Em torno da noção de experiência e do universo que abrange a teoria do conhecimento Dan O'Brien (2013) exhibe as ideias, debatendo os problemas filosóficos, tomando como base as crenças, os saberes universais, mostrando que os conceitos, discutidos por ele, foram e são tratadas ainda hoje no campo filosófico.

Deste modo, a presente produção tem como finalidade apresentar reflexões sobre “Deus e a teoria do conhecimento humano”, a Filosofia e a teoria do conhecimento, a partir do livro já mencionado, autores que abordam sobre o tema em questão, comentadores, além de alguns conceitos a respeito do objeto. Entendendo conceito como a capacidade “de pensar acerca de um determinado aspecto do mundo” (O'BRIEN, 2013, p. 256).



Para sequência organizativa, divido o texto em quatro seções. A primeira, intitulo: **Exórdio:** ideias primeiras; a segunda, **Deus e o universo filosófico;** a terceira, **Teoria do conhecimento:** alguns conceitos; e as **Considerações derradeiras:** portas que se abrem.

Por fim, desejo que essa produção possa oportunizar novos debates em volta do tema que, do meu ponto de vista, é frutífero, pois trata do conhecimento, de Deus e “revela a dimensão teologal do homem, o seu ser constituído [...] o “problema de Deus” [...] sendo esta a questão religiosa por excelência” (BELLO, 2013, p.98).

Deus e o universo filosófico

Eu imagino Deus como a fonte de toda a energia que criou e mantém o equilíbrio do universo. Vejo Deus na flor e na abelha que lhe suga o néctar para produzir o mel; e no pássaro que devora a abelha; e no homem que devora o pássaro, e no verme que devora o homem.

Eu vejo Deus em cada estrela no céu, nas minhas noites nas pousadas, e nos olhos tristes de cada boi, ruminando na invernada. Só não consigo ver Deus no homem que devora o homem, e por isso acho que ainda tenho muito o que aprender nesses caminhos da vida.

Paraíso (2009).

Nesse excerto, revelado no final da telenovela “Paraíso”, direção geral de Rogério Gomes; exibida pela TV Globo em 2009; e, que teve como tema de abertura a música: “Deus e Eu no Sertão”, interpretada por Victor & Léo, apresenta Deus como “energia que criou e mantém o equilíbrio do universo”, define Deus com perfeição, ideia que tenho como crença e sentido de Deus, pois creio no Deus que tudo rege e opera, em um Deus que movimenta e comanda o universo. E, nesse operar dinâmico, em que o movimento se faz base, surgem outras ideias e questionamentos, a saber: De que maneira o universo filosófico enxerga Deus? Qual a definição de Deus em torno da literatura filosófica? De que maneira a teoria do conhecimento colabora com estas indagações?

Essas e outras questões geram um pensar que envolve muitas reflexões, pois se apresentam como contenda de natureza diversa, a partir de visões particulares, em que o sujeito pensante, aprendiz e “ensinante”, gesta, em torno de sua origem, formação histórica, base familiar, levantando seu ponto de vista sobre Deus e o cunho filosófico dessa discussão.

Ora, tratar sobre Deus no universo filosófico é buscar referências em inúmeras fontes, é trilhar caminhos diversos, regado de imagens, jogos de linguagens, sapiência e culturas diferentes, com saberes e práticas distintas.

No texto: “Qual é o significado original da palavra Deus?” publicado por Alexandre Versignassi (2019), o autor apresenta, em epígrafe: “Não é força superior nem nada que o valha, e



sim algo bem mais cotidiano”. Nesse viés, pode-se compreender que no original da palavra Deus existe uma amplidão de formas e atribuições para o seu significado, que do ponto de vista de Versignassi (2019, s/p):

As culturas mais antigas do Ocidente chamavam Deus da mesma forma que as crianças chamam. O nome dele era “Papai do Céu”. Essas culturas não deixaram registros escritos. Os linguistas só sabem que eles chamavam Deus de “Papai do Céu” porque compararam idiomas díspares, como o latim, da Europa mediterrânea, e o sânscrito, da Índia. Então pescam os sons que essas línguas produzem. Essa língua-mãe, concluíram os especialistas, era falada há mais ou menos 6 mil anos. Hoje a chamamos por um nome técnico: “proto-indo-europeu”. E, nesse idioma, que daria origem a 439 línguas e dialetos modernos, o nome de Deus soava como *Dyeus Phater* – sendo que *Dyeus* é “céu”, e *Phater* é “pai”.

Na exposição de Joathas Soares Bello (2013)¹ no artigo “Filosofia da Religião e Religião”, o autor trata da fenomenologia da religião, da filosofia analítica da religião, aborda sobre a crítica da religião do iluminismo à psicanálise, o neo-atéismo, a filosofia teologal de Zubiri, religação e religiões, religação e Deus, religião, inteligência e fé, religião e filosofias da religião, apresentando que:

A filosofia da religião é uma disciplina filosófica relativamente recente, que não deve ser confundida com a teologia natural² ou teodiceia³, que trata de demonstrar racionalmente a existência de Deus [...]. O mundo ocidental vivia, anteriormente, instalado numa exclusiva fé religiosa, a cristã (depois da reforma protestante o problema da confissão cristã verdadeira é uma questão apologética, e não filosófica); nos dias atuais, a religião se apresenta como autêntico problema filosófico, seja em virtude do fenômeno do pluralismo religioso, fato que nos impele a investigar o que é essencial a todas as religiões (a questão da religião verdadeira já é um assunto de fé, não de razão), seja em virtude da negação do religioso, o que nos leva a perguntar se a religiosidade, enquanto tal, é algo constitutivo da pessoa humana (e como seria possível uma tal negação).

¹ **Joathas Soares Bello** – Doutor em Filosofia pela Universidade de Navarra, Espanha. Professor da Faculdade São Bento, Rio de Janeiro, professor do Instituto Filosófico e Teológico do Seminário São José, Niterói.

² **Teologia Natural** é uma parte da filosofia da religião que lida com as tentativas de se provar a existência de Deus e outros atributos divinos por meios puramente filosóficos, isto é, sem recurso a quaisquer revelações especiais ou sobrenaturais. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Teologia_natural. Acesso em: 03/08/2021.

³ **Teodiceia** é um termo derivado do título da obra *Ensaio de Teodiceia* do filósofo alemão Leibniz, que sustenta a existência de Deus a partir da discussão do problema da existência do mal e de sua relação com a bondade de um Deus onisciente e onipotente. O termo teodiceia provém do grego θεός - theós, "Deus" e δίκη - díkē, "justiça", que significa, literalmente, "justiça de Deus", sendo uma área da filosofia que, entre outras coisas, busca uma resposta ao Paradoxo de Epicuro e ao "problema do mal". Após o Holocausto, vários teólogos judeus desenvolveram uma nova resposta ao problema do mal, às vezes chamada de anti-teodiceia, que afirma que Deus não pode ser justificado de forma significativa. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Teologia_natural. Acesso em: 03/08/2021.



No movimento de apresentações sobre religião e abordagens sobre Deus, Nicola Abbagnano (2007, p. 247) descreve DEUS como: Grego-Θεός; Latim-Deus – Inglês-God; Francês-Dieu; Alemão-Gott; Italiano-Dio, e acrescenta:

São duas as qualificações fundamentais que os filósofos (e não só elas) atribuíram e atribuem a Deus, ou seja, - a de *Causa* e a de *Bem*. Na primeira, Deus é entendido como o princípio que torna possível o mundo ou o ser em geral. Na segunda, é a fonte ou a garantia de tudo o que há de excelente no mundo, sobretudo no mundo humano.

No que concerne a primeira interpretação, Deus está ligado ao mundo e na segunda como *Bem* a ordem moral. No dizer de Abbagnano (2007), “Platão insistira no conceito de Deus como primeiro motor ou guia de todas as coisas que se movem” e é precisamente esse conceito que “se torna ponto de partida da teologia aristotélica” (*ibidem*, p. 247).

Abbagnano registra, ainda, que, Aristóteles argumentava:

Deus “é o primeiro motor ao qual necessariamente se filia a cadeia dos movimentos (*Fís.*, VIII, 7; *Met.*, XII, 6); ou a primeira causa de que decorrem séries causais, inclusive a das causas finais” (*ibidem*, p. 247). E tantas outras definições e argumentações em torno de Deus ao longo da história como “Deus criador da ordem do mundo” (*ibid.*, p. 247); “Deus natureza do mundo” (*ibidem*, 2007, p. 248).

Contudo, a melhor exposição, a mais louvável apresentação sobre Deus, parte de São Tomás de Aquino que resume uma longa tradição. São Tomás de Aquino “parte da premissa de que, tudo o que se move é movido por um outro, ou seja, vemos que as coisas sensíveis sofrem algum tipo de alteração, nada está em um estado estático, e isso ocorre devido ao movimento” (IZÍDIO, 2013, p. 35). “Como mais tarde diria Santo Tomás de Aquino, se a fé é uma virtude da inteligência, a razão é a sua imperfeição” (BETTO, 2012, p.74).

Nesse viés, todas as coisas têm uma origem; se movimentam, e se “origina nas próprias coisas, mas sem advir de algo externo a elas, no caso, Deus” (*ibidem*, 2013, p.35).

Ao longo dessas reflexões, importa dizer que: Tomás de Aquino apresenta “As Cinco Vias e o Conhecimento Humano Acerca de Deus”:

- (1) “Alguma causa primeira de mudança não sendo em si mesma mudada por outra coisa”;
- (2) “alguma causa primeira”;
- (3) “alguma coisa que deve ser isso não para outra coisa que a si mesmo [e é] a causa que as outras coisas são;”
- (4) alguma coisa “que causa em todas as outras coisas o seu ser, a sua bondade e qualquer outra perfeição que eles têm;”



(5) alguma coisa “com entendimento” pela qual “tudo é natureza, é direcionado para seu objetivo” (IZÍDIO, 2013, p. 35).

A partir dessas vias, as crenças e justificações continuam, e, nesse exercício de argumentação muitas ligações passam despercebidas, pois “há mais mistério entre o céu e a terra do que já explicou a filosofia”, principalmente na filosofia teologal. Na filosofia teologal de Zubiri, no destaque sobre o fato da religião, Bello (2013, p. 90) aborda que na natureza e história de Deus, tratada por Xavier Zubiri, é recordada (no texto de Bello) a passagem da Suma Teológica em que Santo Tomás de Aquino comenta a afirmação de São João Damasceno, destacando: “o homem possui um conhecimento natural de Deus”. Para São Tomás de Aquino: “[...] este conhecimento corresponde ao desejo de felicidade inscrito no coração de todo homem, já que Deus é a felicidade; entretanto, como nem todos reconhecem isso, é preciso demonstrar a existência de Deus” (BELLO, 2013, p. 90).

O conhecimento da existência de Deus, a partir das cinco vias de São Tomás de Aquino apresenta, também, que: “não é nada mais que entender a verdade de alguma conclusão através da demonstração”, pois todo e qualquer coisa ou “objeto do conhecimento através da demonstração é a conclusão; e ainda o objeto é demonstrado por inferir sua verdade a partir de verdadeiros princípios” (IZÍDIO, 2013, p.38). Esses princípios que se movimentam e que o homem discute, buscando incessantemente provar, está no bojo, na essência e na pura energia que nos emana. “A mente humana é mestra em propor, a cada época, construções dotadas de aparente coerência e pretensamente definitivas. Mas a realidade extrapola o conceito, advertiu Tomás de Aquino” (BETTO, 2012, p. 259).

Nesse percurso argumentativo, de conceitos, crenças, e aceções, ao tomar como base o argumento ontológico, ou seja, a *priori*, de Descartes; segundo os dados coletados na *Stanford Encyclopedia of Philosophy (SEP)*; o argumento ontológico *descartesiano* de sua filosofia é mal compreendido, todavia existe “o fascínio pelo argumento” que surge a partir do esforço que Descartes faz em “provar a existência de Deus a partir de premissas simples, mas poderosas”.

A existência é derivada imediatamente da ideia clara e distinta de um ser supremamente perfeito [...].

Deus é um ser maior do que não pode ser concebido.

[...] A existência de Deus é inferida diretamente do fato de que a existência necessária está contida na ideia clara e distinta de um ser supremamente perfeito.

[...] A existência de Deus é considerada tão óbvia e evidente quanto a verdade matemática mais básica.

[...] Descartes também caracteriza o argumento ontológico como uma prova da “essência” ou “natureza” de Deus, argumentando que a existência necessária não



pode ser separada da essência de um ser supremamente perfeito sem contradição (SEP, 2020, s/p).

Os argumentos de Descartes são provas vivas que a lógica e a matemática fazem parte do contexto humano de forma inegável, em um contexto particular, sensível, perceptivo, argumentado a partir do grande livro do mundo, lógico e matemático. René Descartes “reverenciava a Teologia e pretendia, como qualquer outro, ganhar o céu; mas, tendo aprendido, como coisas muito seguras [...] que as verdades reveladas estão acima de nossa inteligência” (DESCARTES, 1996, p. 6 -7). Depois, empregou anos estudando o “livro do mundo, buscando adquirir experiências”, tomou a resolução de estudar também a “si próprio e de empregar todas as forças de seu espírito na escolha dos caminhos que deveria seguir” (*ibidem*, 1996, p. 8).

As escolhas são opções que o homem faz sobre o caminho que deve seguir. E neste caminho optativo:

[...] procuremos penetrar esta estupenda realidade: em profundidade todos os seres são uno, isto é, na íntima essência espiritual de todas as individualizações existe uma substância que as funde em unidade, pela qual todas elas retornam ao centro comum que tudo irradia e tudo atrai - o Centro - Uno - Deus. No fundo de todos os seres está esse seu centro, no qual cessa qualquer distinção, e a infinita pulverização dos "eu" separados na periferia do sistema reencontra a sua unidade em um só "Eu". [...] esta via que o conduz a Deus é a da unificação. (UBALDI, s/d, p. 170).

Assim, nessa compreensão do Eu, dos conceitos, do centro de todas as coisas, dos movimentos, das sensibilidades, dos argumentos em torno de Deus, o homem busca e não encontra a verdade absoluta, pois cada um possui a sua verdade e de certa maneira se alia a ela. O sensível é mais simples, conhecido, é sentir a existência de Deus a partir das coisas inexplicáveis, do homem que projeta o amor ao homem, da demonstração de afeto entre os pares, do acolher, do amar, do partilhar; esses são princípios que evidenciam a existência de Deus; além de ser, um dos passos para compreender a grandeza de Deus, não só a sua existência, mas, sobretudo, o seu comando no universo humano, e/ou no universo filosófico, pois “só a mente vazia e o desejo canalizado para o interior do ser nos permitem captar a essência do real. Em pleno e reverente silêncio” (BETTO, 2012, p. 280) e gerar a unificação em “um só Eu”.

Teoria do conhecimento: alguns conceitos

O que está em jogo não é a transmissão daquilo que se inventa, mas antes a transmissão do poder de inventar.



O que é conhecimento? Qual a relação da epistemologia com o conhecimento? Que noções cépticas se expõe em torno da filosofia? Quais os tópicos centrais da filosofia? Nessa seção, apresento abordagem em torno das questões expostas. E, para o início dos argumentos, importa dizer que: o conhecimento está no jogo da produção e transmissão inventada pelo homem, da imaginação, do pensar, do analisar, do sentir, do perceber, do questionar, movimentando-se. Está a serviço do humano e no mundo, tanto no popular, no científico, no filosófico. Ele passa pelo senso comum e chega até aos parâmetros institucionalizados, gerando autonomia, individual e social. Conhecer é saber, que por sua vez, gera também poder.

Dan O'Brien (2013, p. 13) destaca que “a teoria do conhecimento é também designada epistemologia, a partir da palavra grega para conhecimento, *episteme*”. Assim sendo, a epistemologia estuda os métodos, os postulados dos diferentes ramos da Ciência, reflete de forma geral, etapas, o próprio conhecimento humano, os fenômenos da natureza, avaliando como afirma O'Brien, “não-cética-cética sua validade” e descrevendo a evolução em um processo argumentativo.

No bojo dos estudos latino-americanos, segundo a *Stanford (s/d)*, o ceticismo é discutido no âmbito epistemológico, pois “há uma curta, mas forte tradição de estudos sobre a história e o significado filosófico do ceticismo”. No dizer de “Cresto (2010^a, p. 468), o estudo da história do ceticismo é uma das linhas de pesquisa a ser considerada ao fornecer um panorama da investigação epistemológica na América Latina⁵”. Nesse acréscimo:

[...] é difícil encontrar qualquer discussão epistemológica sistemática do ceticismo nas numerosas obras em que estudiosos latino-americanos trataram da história do ceticismo antigo ou moderno. Ainda assim, é principalmente em conexão com o estudo do antigo pirronismo⁶ que o campo viu o surgimento de discussões sistemáticas sobre a natureza do ceticismo e os desafios epistêmicos que ele levanta.

⁴ Citado por Rubem Alves em “*Filosofia da Ciência: introdução ao jogo e as suas regras*”, São Paulo: Edições Loyola, 2000, p. 149. Texto original de Juan David Nasio “*L’Inconsciente à Venir*” (O inconsciente por vir). Paris, Christian Bourgeois, 1980.

⁵ Epistemologia na América Latina - Publicado pela primeira vez em quinta, 12 de julho de 2018. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/epistemology-latin-america/>. Acesso em: 28/07/2021.

⁶ doutrina do pensador grego Pirro de Élide (c365-275 a.C.), que, fundando uma nova escola filosófica, o *ceticismo*, prescrevia o cultivo de um estado permanente de dúvida, refratário aos dogmas, às certezas inquestionáveis e à ideia de verdade. Por extensão - qualquer doutrina ou argumentação filosófica de natureza cética; ceticismo. Dicionário online. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=pirronismo+significado>. Acesso em 28/07/2021.



Abbagnano (2007, p.36) argumenta que a partir do período do Ceticismo e do Ecletismo surgiu a noção de “filosofia [...] como atividade consoladora ou tranquilizante, que impede ao homem” tomar parte em coisas que não lhe diz respeito, “nas coisas da vida comum e procura garantir-lhe a imperturbabilidade de espírito”. O’Brien (2013, p. 18) acrescenta que o “cepticismo pode ser localizado, incidindo numa categoria de factos em particular: há aquele que defendem, por exemplo, que não podemos ter conhecimento algum sobre Deus”.

Nesse viés, de aspectos conceituais, gerais, sobre o conhecimento, Dan O’Brien (2013) apresenta “a epistemologia e a metafísica” como “dois tópicos centrais da filosofia”. O referido autor, defende que a epistemologia “prende-se com a natureza e a possibilidade do conhecimento” e a metafísica “diz respeito à natureza daquilo que existe” (p. 13). Portanto, investigar, pensar a respeito, conhecer, argumentar sobre a partir de um questionamento que envolva o físico e o não-físico são “questões que se entrecruzam com as investigações epistemológicas” (*ibidem*, 2013, p. 14).

No trato com as teorias epistemológicas, em pesquisa realizada na *Stanford*, a epistemologia central, a formal e o pensamento de Wittgenstein são destacados como fator importantes para as referências epistemológicas.

A epistemologia central⁷ preocupa-se basicamente com a análise sistemática do conhecimento e da crença justificada. [...] o conhecimento, verdade e justificação - ou que defendem ou atacam certas teorias epistemológicas gerais - como confiabilismo e falibilismo.

A epistemologia formal preocupa-se com o exame de questões epistemológicas tradicionais usando as ferramentas formais de lógica e probabilidade.

Outra linha de pesquisa epistemológica na América Latina diz respeito ao **pensamento de Ludwig Wittgenstein**. Wittgenstein mostra que os problemas tradicionais que a epistemologia clássica pretendia resolver por meio da construção de teorias elaboradas nada mais são do que pseudoproblemas decorrentes de mal-entendidos conceituais. Por essa razão não é mais possível continuar a praticar a epistemologia da maneira como era praticada antes de Wittgenstein, destaca Tomassini Bassols (2001)⁸.

Cumprе destacar, também, alguns conceitos sobre a teoria do conhecimento e referências que possibilitam pensar sobre o ser, o jogo de palavras, a própria teoria, o próprio pensamento materializado, a ciência, a religião, entre outras tantas coisas que existem e se originam nas rodas de diálogos filosóficos, nas abordagens científicas, em discussões distintas, bem como no senso comum.

⁷ Grifo da autora.

⁸ *Stanford* - Epistemologia na América Latina. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/epistemology-latin-america/#CoreEpis>. Acesso em: 28/07/2021.



Nessa sequência de destaques, Rubem Alves (2005), em uma das suas citações e registros em seu livro “Filosofia da Ciência”, menciona Émile Durkheim, sublinhando que, segundo o referido autor, “as categorias mais fundamentais do pensamento e, conseqüentemente da ciência têm sua origem na religião” (ALVES, 2005, p. 115); também, nessa mesma produção, aponta que, o conhecimento científico ocidental “surgiu como uma rebelião contra elementos *a priori*”.

Pensar no surgimento da “rebelião contra elementos *a priori*” é buscar conhecer, em primeira instância, o que seja *a priori*.

A justificação *a priori* é um certo tipo de justificação frequentemente contrastada com a justificação empírica ou a posteriori. Grosso modo, a justificação *a priori* fornece razões para pensar que uma proposição é verdadeira que vem meramente de compreender, ou pensar sobre essa proposição. Em contraste, a justificação *a posteriori* requer mais do que meramente entender uma proposição. As observações baseadas em nossos sentidos, ou introspecção sobre nosso estado mental atual, são necessárias para que possamos ser empiricamente, ou *a posteriori*, justificados em acreditar que alguma proposição é verdadeira⁹.

A justificação *a priori*, nesse sentido, vem assegurar, situar as informações numa perspectiva primeira, referendando-a através do raciocínio, cuja definição foi atribuída inicialmente. Assim sendo, o conhecimento justificado *a priori* traduz a informação filosófica sem, no entanto, ser comprovada de forma empírica, ou seja, baseada na experiência do ser, em uma passagem comprobatória, *a posteriori*.

Do ponto de vista de Rubem Alves (2005, p. 158):

[...] o conhecimento depende de nossa capacidade para encher os espaços vazios deixados por fragmentos de informações. Sem a imaginação, ficaríamos nos fragmentos, no particular. Nunca daríamos o voo universal.

E para dar esse voo necessitamos da teoria do conhecimento que nos possibilita o suporte suficiente para alçar os espaços tanto *a priori*, como *a posteriori*, pois para justificar, fundamentar, explicar o conhecimento, o ser humano necessita de informações, do pensar sobre o mundo que o cerca, relacionar o dito, o vivido, o imaginado, ou seja, o/um motivo que lhe dê suporte argumentativo para tratar as questões que o inquieta.

Considerações derradeiras: portas que se abrem

As mudanças mais fundamentais em qualquer ciência comumente resultam não tanto da invenção de novas técnicas de pesquisas, mas antes de novas maneiras de

⁹ Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/epistemology-latin-america/#CoreEpis>. Acesso em: 28/07/2021.



olhar para os dados, dados estes que podem ter existido por longo tempo. Aliás, é possível que elas nem se refiram a dados nem tenham sido ocasionadas por eles. As mudanças mais fundamentais são mudanças de teoria e de esquemas conceituais.

Alvin Gouldner¹⁰

Tratar sobre Deus e a teoria do conhecimento humano é conhecer as mudanças fundamentais, as mudanças de teoria, e de esquemas conceituais originados pela filosofia e demarcados pela epistemologia.

O presente manuscrito expôs alguns questionamentos ao longo do texto, a saber: De que maneira o universo filosófico enxerga Deus? Qual a definição de Deus em torno da literatura? De que maneira a teoria do conhecimento colabora com estas indagações? O que é conhecimento? Qual a relação da epistemologia com o conhecimento? Que noções cépticas se expõe em torno da filosofia? Quais os tópicos centrais da filosofia? Buscou, a partir da base teórica, apresentar reflexões, alimentando as indagações à luz da abordagem filosófica.

No percurso das reflexões destaco que: a epistemologia ou teoria do conhecimento é um ramo da filosofia que procura entender como o indivíduo pode obter o conhecimento. Essa teoria, fortemente utilizada pela pedagogia e pela psicologia, busca compreender a relação das coisas em torno do ser humano. Nesse caminho, a epistemologia apresenta duas “portas” pelas quais a literatura filosófica se sustenta. A primeira, diz respeito às crenças e à justificação, uma outra, a diferenciação do saber como e o saber que. Assim, emerge as questões: Como adquirimos o conhecimento? Como usamos esse conhecimento?

A teoria colabora no entendimento das coisas do mundo que cerca o homem. “Os racionalistas acentuam a importância do conhecimento *a priori*” (O’BRIEN, 2013, p. 41), já “os empiristas aceitam que algumas verdades podem ser conhecidas *a priori*, mas essas verdades são consideradas desinteressantes, não-instrutivas e tautológicas” (*ibidem*, p.42).

O’Brien (2013), também, apresenta várias teses e argumentações a respeito do conhecimento. Em uma delas destaca que Willard Quine enfatiza que “todo o conhecimento é empírico e não pode ser conhecido *a priori*, nem mesmo os significados” (p. 43). Ainda expõe que: “Platão defende que temos um conhecimento inato da virtude e da justiça, e Descartes afirma que temos conhecimento inato de Deus” (p. 49). Em extensão enfatiza que o “inatismo é distinto da questão *a priori*”, pois não “diz respeito à justificação; é apenas uma noção temporal” para

¹⁰ Citado por Rubem Alves em “*Filosofia da Ciência: introdução ao jogo e as suas regras*”, São Paulo: Edições Loyola, 2000, p. 159.



“perceber certos conceitos” (p.52). Por fim, deixa claro que “o conhecimento a *priori* é obtido por intuição e pelo raciocínio”. (p.52).

A partir desses argumentos, pensar Deus a base da teoria do conhecimento humano é justificar suas crenças no campo a *priori* e/ou enveredar por meditações que possibilite o pensar a partir das percepções, do sensível, em uma oscilação de “metacrenças” que vai muito mais além do a *priori*, mesmo não se apresentando como justificação, sendo problemático. E, nesse sentido, não existem verdades absolutas. Crê ou não em Deus, parece ser uma opção, uma crença que se justifica pela cultura, pelo entorno familiar, pelo social, pelo saber, pelo conhecer que deu origem à crença e se justifica pela ideia, vivência que lhe deu suporte. Portanto, afirma Bello (2013, p. 94): “A fundamentalidade, que é a *ratio cognoscendi*¹¹ de Deus, é Sua presença nas coisas. Entre Deus e as coisas há distinção real, mas não há separação”. E, completa: “Para ir a Deus não é necessário sair da coisa real, mas submergir-se mais nela. Esta concepção evita dois erros: o panteísmo¹² e o agnosticismo¹³”.

Por último, essa tessitura, se relevou em torno do pensamento humano, despontando os aspectos da diversidade filosófica, histórica, cultural e social, em um jogo que permitiu o emergir de ideias, do pensamento, leituras e aprendizagens que se fizeram a partir dessa produção, entendendo que: “cada um de nós é a reunião de inúmeros fragmentos do Universo. Uma obra-prima da natureza animada pelo sopro de Espírito” (BETTO, 2012, p. 46), e Deus é o Artista que possibilita ao homem obter, gerar, produzir conhecimento, pois como diz o adágio popular que contém princípios bíblicos: “Não cai uma folha da árvore se Deus não deixar¹⁴”.

Referências

Argumento Ontológico de Descartes. Stanford Encyclopedia of Philosophy (SEP), 2020. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/descartes-ontological/>. Acesso em: 28/07/2021.

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi. Revisão da tradução e tradução dos novos textos de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

¹¹ *ratio cognoscendi* - Razão sobre.

¹² Panteísmo - doutrina filosófica caracterizada por uma extrema aproximação ou identificação total entre Deus e o universo, concebidos como realidades conexas ou como uma única realidade integrada. Disponível em: <https://www.google.com+panteismo+significado>. Acesso em: 03/08/2021.

¹³ Agnosticismo - doutrina que reputa inacessível ou incognoscível ao entendimento humano a compreensão dos problemas propostos pela metafísica ou religião (a existência de Deus, o sentido da vida e do universo etc.), na medida em que ultrapassam o método empírico de comprovação científica. Disponível em: <https://www.google.com.agnosticismo+significado>. Acesso em: 03/08/2021.

¹⁴ Adágio popular disponível em: <https://www.respostas.com.br/nao-cai-uma-folha-da-arvore/>. Acesso em: 20/08/2021.



BELLO, Joathas Soares. Filosofia da Religião – Philosophy of Religion and Religion. *Revista Synesis*, v. 5, n.2, p. 85-99, jul/dez. 2013. ISSN 1984-6754. Universidade Católica de Petrópolis, Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em: https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/32949/1/SN5-2_artigo6.pdf. Acesso em 29/07/2021.

BETTO, Frei. *A Obra do Artista: uma visão holística do Universo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

DESCARTES, René. *Discurso do Método* – Para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas Ciências. Tradução de Jacob Guinsburg e Bento Prado Jr. Notas de Gérard Lebrun; reimpressão revista sob a direção de Rochot *et al*: Paris, J. Vrin, 1996.

O'BRIEN, Dan. *An Introduction to the Theory of Knowledge* (Introdução a Teoria do Conhecimento). Tradução (feita a partir da 1.ª edição original) Pedro Gaspar. Criação ePub: Relíquia. Coleção coordenada por AIRES ALMEIDA (CENTRO DE FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA). 1.ª edição Julho de 2013.

IZÍDIO, Camila de Souza. A DEMONSTRAÇÃO DA EXISTÊNCIA DE DEUS ATRAVÉS DO CONHECIMENTO SENSÍVEL EM TOMÁS DE AQUINO. *Revista Eletrônica de Filosofia Philosophy Electronic Journal* ISSN 1809-8428. Vol. 10, nº. 1, janeiro-junho, 2013, p. 034-043.

UBALDI, Pietro. *Deus e Universo*. Tradução de Erlindo Salzano, Adauto Fernandes de Andrade, Medeiros Correa Junior. Disponível em: http://www2.uefs.br/filosofia-bv/pdfs/ubaldi_10.pdf. Acesso em: 22/07/2021.

VERSIGNASSI, Alexandre. Qual é o significado original da palavra “deus”? *Revista Super Interessante*. 8 jul 2019. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/qual-e-o-significado-original-da-palavra-deus/>. Acesso em: 22/07/2021.

Recebido: 03-01-2022

Aceito: 20-05-2022